

**LESSA, Fábio de Souza (Org.). *Gênero & Sexualidade em perspectiva comparada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024, 192 p.**

Felipe Marques Maciel<sup>1</sup>

Não seria absurdo dizer que, desde os primórdios das sociedades humanas, a comparação tem sido uma ferramenta epistemológica indispensável. Das *Vidas Paralelas* de Plutarco, na Antiguidade, que colocam frente a frente personagens gregos e romanos sob ângulos variados, aos vídeos “reviews” de impressoras no Youtube, que destacam as funcionalidades específicas de cada marca e modelo, a comparação tem sido utilizada com frequência quando precisamos organizar o conhecimento, avaliar, julgar, entender e, não raro, tomar decisões. O surgimento e o desenvolvimento de disciplinas modernas, como a Antropologia, a Sociologia e a Linguística, foram marcados, em grande medida, por uma prática comparatista estruturante<sup>1</sup>. Comparar, portanto, é buscar semelhanças e diferenças que ajudam a iluminar duas realidades particulares a partir de questões e problemas em comum; sem o método comparativo, o pesquisador corre o risco de “perder, negligenciar ou até mesmo não conceber” certas questões e problemas.”

---

<sup>1</sup> Professor substituto de História Antiga no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, onde também fez o mestrado. Um dos idealizadores do projeto de divulgação científica no Instagram Espelunca Clássica (@espelunca.classica).

LESSA, FÁBIO DE SOUZA (ORG.). *GÊNERO & SEXUALIDADE EM PERSPECTIVA COMPARADA*. RIO DE JANEIRO: MAUAD X, 2024, 192 P.  
MACIEL, F. M.

Desde 2002, o Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tem contribuído de forma contínua e consistente para a consolidação deste campo que, embora promissor, está longe de receber o devido reconhecimento e aceitação, inclusive dentro da própria disciplina da História que, pelo menos no passado, viu a comparação com olhar de dúvida e suspeita.<sup>III</sup> A mais recente publicação do Programa, organizada por Fábio de Souza Lessa, intitulada *Gênero & Sexualidade em perspectiva comparada*, é mais um capítulo desse esforço em mostrar os benefícios do comparatismo para o entendimento das sociedades ao longo da história. Com influência do historiador belga Marcel Detienne (2004), que no início dos anos 2000 lança uma reflexão particular a respeito do método comparativo, professores e professoras do PPGHC construíram seus “campos de experimentação”, em diversas espacialidades e temporalidades, a partir das noções de gênero e sexualidade, o “problema unificador” que perpassa todos os capítulos do livro.

Dividida em quatro partes assimétricas – 1) Sexualidade em Foucault; 2) Gênero & Arqueologia; 3) O feminino em perspectiva comparada; e 4) Masculinidades comparadas –, a obra explora diversas formações discursivas a respeito de gênero e sexualidade do século V a. C. ao século XIX d.C., perpassando espacialidades variadas, como Grécia, Roma, Egito/Sudão (o então Reino de Kush, na Núbia), Grã-Bretanha (Idade do Ferro Bretã), Portugal etc. O capítulo de Bruno Sciberras de Carvalho, “Sexualidade em Foucault em três tempos: caminhos comparativos e as

singularidades da codificação moderna”, recupera e problematiza as considerações de Michel Foucault a respeito das concepções sobre a “sexualidade” na Antiguidade, no Cristianismo e na Modernidade, com ênfase nas inovações que a *scientia sexualis* acarretou a partir da criação do “dispositivo da sexualidade” moderna. Em “Sepultamentos com braceletes da Idade do Ferro Bretã”, Pedro Vieira da Silva Peixoto argumenta que, durante a segunda metade do primeiro milênio a.C., os braceletes encontrados nas tumbas do norte bretão informam algo a respeito das construções de gênero. De modo geral, Peixoto demonstra que os braceletes – “tecnologias pessoais de aparência”, segundo o autor – estariam ligados a mulheres adultas, na medida em que envelheciam, e que a cor azul poderia ser um marcador de gênero associado ao feminino, contribuindo para a construção identitária.

Marta Mega de Andrade, em “Mulheres de Atenas/mulheres na História: reflexões sobre o ser sujeito-objeto”, examina três tempos de sua trajetória de pesquisa sobre a condição das mulheres na Atenas Clássica, cada um deles com preocupações particulares. Com especial atenção às “políticas do cotidiano”, Andrade discute algumas das principais abordagens relacionadas ao estudo da “cidade das mulheres” na Atenas do século V a.C. e chama atenção para o fato de que as representações femininas elaboradas por autores homens “não devem aparecer para nós apenas como a visão falocêntrica ilegítima sobre mulheres, pois essas palavras são, para um campo político tensionado pelo gênero e fabricado para homens, o lugar efetivo das batalhas a travar, das arestas a aparar,

dos cuidados a tomar”.<sup>iv</sup> Em “Medeia, gênero, sexualidade e o controle do útero mágico”, Maria Regina Candido, partindo de um campo de comparação entre “a mulher grega e a considerada bárbara”, reflete a respeito do imaginário social antigo sobre questões relativas à infertilidade, à concepção, à geração, à gravidez e ao parto, sem perder de vista a importância dos marcadores étnicos para a definição das identidades, na Antiguidade e hoje.

Sarah Fernandes Lino de Azevedo, em “Candace e *Mater Patriae*: a construção do poder político feminino em África e Roma no início do império romano”, investiga a construção do poder feminino nas duas espacialidades em questão a partir dos títulos de Candace - atribuído à mulher que governava o Reino de Kush, na região da Núbia - e de *Mater Patriae* - reservado à consorte do imperador romano. O estudo em questão, além do mérito de comparar sociedades distintas, argumenta em prol de possíveis influências da política de África no Império Romano. Em “Aborto e infanticídio em documentos legislativos ibéricos, séculos IV-XIII: um exercício comparativo preliminar”, Elaine Cristine dos Santos Pereira Farrell contrapõe documentos - tais como a Lei dos Visigodos, a *Collectio Canonum Hispana*, a *Excerpta Hispana*, três Penitenciais Hispânicas (*Penitencial de Vigila*, *Penitencial de Silos* e *Penitencial Cordubense*) e o *Fuero Juzgo* - que discorrem sobre as práticas de aborto e infanticídio, demonstrando como, desde a Antiguidade Tardia e no Medievo, tais práticas tornarem-se uma questão controversa, digna de debate entre

autoridades religiosas e laicas, com tratamentos particulares em cada contexto.

Em “Inês de Roma e o casamento místico: reflexões a partir dos legendários abreviados mendicantes do século XIII”, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva compara dois legendários mendicantes elaborados no século XIII – o do dominicano Tiago de Voragine, conhecido como *Legenda Áurea*, e o do franciscano João Gil de Zamora, intitulado *Legende Sanctorum* – a partir da temática do casamento místico, com foco especial na figura de Inês de Roma, que ganha maior difusão no Medievo por meio das representações dos mendicantes. Juliana Beatriz Almeida de Souza, em “Rainhas imaculadas: política e religião na coroação das imagens de Nossa Senhora de Guadalupe e Aparecida”, utiliza como campo de experimentação o estabelecimento do dogma mariano da Imaculada Conceição, proclamado em 1854. Assim, procura refletir sobre a representação cultural da devoção mariana no Brasil e no México, por meio dos eventos de coração das imagens de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de Nossa Senhora de Guadalupe.

Fábio de Souza Lessa, em “Virilidades helênicas”, discute a construção dos ideais de virilidade e masculinidade característicos do atleta-cidadão na Atenas clássica (séculos V e IV a.C.). Seu campo de experimentação comparada é composto pelas noções de atletismo e de virilidade, com ênfase especial na maneira como ambos contribuem para a construção dos ideais de masculinidades presentes no período. Por fim, Lorena Lopes, em “Um Ulisses português: o herói marítimo como homem ideal”, compara

a recepção do herói odisséico em *Lusíadas*, de Camões, procurando investigar a possível influência do personagem homérico na conformação da figura do navegador, o homem ideal do renascimento português, corajoso e ávido por glória.

O livro *Gênero & Sexualidade em perspectiva comparada* contribui, por um lado, para as “desnaturalizações” e “desessencializações” sempre necessárias das ideias de gênero e sexualidade, demonstrando as formações discursivas próprias a cada período histórico e a cada sociedade analisada. Por outro lado, amplia a presença dos estudos de História Comparada na historiografia brasileira com fôlego, consistência e “espírito de experimentalismo”, exercitando um salutar comparativismo construtivo em sintonia com as premissas detiennianas. Enquanto rompe com a ideia de que um livro de pesquisas históricas precisa sempre ser refém da cronologia, a obra em questão apresenta ainda as “cicatrizes do agora”, na medida em que assuntos tão díspares – mas extremamente presentes nos debates da sociedade brasileira – como masculinidades, virilidade, esterilidade, aborto, concepção, virgindade, santidade, marcas identitárias e protagonismo feminino, por exemplo, harmonizam-se e iluminam-se uns aos outros.

## Notas

---

<sup>i</sup> Bloch, 1998, p. 123

<sup>ii</sup> Kocka, 2014, p. 280

<sup>iii</sup> Kocka, 2014, p. 282; Barros, 2014, p. 13

<sup>iv</sup> Andrade, 2024, p. 68

**Referências bibliográficas:**

BARROS, José D'Assunção. *História comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BLOCH, Marc. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 119-150.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. Trad. Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

KOCKA, Jürgen. Para além da comparação. Trad. Maurício Pereira Gomes. *Revista Esboços*, v. 21, n. 31, p. 279-286, 2014.